



## Biografia do Presidente Armando Emílio Guebuza



Antigo Presidente da República de Moçambique

(Notas biográficas)

Sua Excelência Armando Emílio Guebuza, de apelido Tchembene, nasceu a 20 de Janeiro de 1943, em Murrupula, Província de Nampula onde, seu pai, Miguel Guebuza, exercia a função de enfermeiro e sua mãe, Marta Bocotta Guebuza, doméstica.

Em 1948, o seu pai é transferido para Lourenço Marques, nome como era chamada a Cidade de Maputo, no período colonial. Aqui, aos seis anos, Armando Guebuza inicia os seus estudos no Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique, também conhecido como Ntsindya, no Bairro de Xipamanine. O fenómeno associativo teve como espaço próprio, o ambiente urbano da Colónia de Moçambique, tendo-se concentrado em Lourenço Marques, fruto da iniciativa dos homens de então. Esta associação havia sido fundada em 1932, sob o nome de Instituto Negrófilo, tendo mudado de nome em 1937. O Instituto Negrófilo forma-se como uma entidade reivindicativa contra a discriminação racial instituída pelo colonialismo.<sup>1</sup>

Antes do Instituto Negrófilo, um grupo de negros e mestiços, já com algum nível de instrução, começara a reagir sobretudo às tendências discriminatórias e à marginalização social e política, impostas pela administração colonial portuguesa. Entre os mentores destas reivindicações contavam-se negros e mestiços, membros das velhas famílias locais. Estavam, na maior parte ligados à administração pública ou tinham profissões liberais. É neste contexto que surge, em 1908, o jornal **O Africano**, no qual se publicou o Programa da associação que se propunham criar, denominada **Grémio Africano de Lourenço Marques**. Este terá, por ventura, sido o primeiro exercício organizado, para se opor às políticas opressivas do regime colonial, após o esmagamento dos movimentos de resistência do início do século no sul de Moçambique. Na verdade, o período entre 1890 e a primeira década do século XX foi, em Moçambique, de ampla movimentação de grupos nativos, em busca da afirmação da sua identidade, culminando com a criação deste Grémio Africano de Lourenço Marques, em Dezembro de 1908. No caderno reivindicativo desta

---

<sup>1</sup>É importante notar que o percurso destas associações reivindicativas não foi isento de percalços e, mesmo, de tentativas de manipulação do regime colonial. Por exemplo, e em relação ao Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique, o exercício de manipulação tomou forma na iniciativa da Intendência dos Negócios Indígenas de financiar a construção da sede, no Xipamanine, na construção do edifício da escolar e na alocação de alguns professores, uma das quais era justamente a esposa do Intendente. Foi contra este tipo de manipulações e de paternalismos que a parte mais consciente e comprometida dos associados teve de lutar ao longo de décadas. Na verdade, mediante um vasto esquema de controle e de financiamentos, o regime colonial julgava ter concebido um robusto e infalível instrumento, a partir do qual controlaria os impulsos nacionalistas dos negros. A história veio a provar quão quimérica era esta pretensão. Em 1965 o regime colonial teve de encerrar o Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique por acreditar que era um ninho de insurgência de disseminação de ideias nacionalistas

associação estão presentes todos os aspectos que vão permear todas as reclamações até ao advento da luta de libertação nacional: terra, capital, regime de trabalho, ensino e papel do Estado. Do ponto de vista legal, o Grémio existiu até 1938, data em que passa a ser designado por Associação Africana, mantendo-se até à independência de Moçambique, em 1975. O apelo, insistentemente lançado à unidade por esta associação, leva a procurar os factores de divisão interna, que aliás deram origem não só ao Instituto Negrófilo (mais tarde Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique), mas também ao efémero Conselho Nacional Africano (ANC). Como se referiu antes, não foi somente a questão de raça que levou ao desmembramento do Grémio mas, sobretudo, a manipulação do regime colonial, tendo em vista controlar os impulsos nacionalistas em incubação. Foi neste ambiente efervescente que cresceu Armando Emílio Guebuza.

Como crente da Igreja da Missão Suíça (Actual Igreja Presbiteriana de Moçambique – IPM) é integrado nas Patrulhas (Mintlaw), grupos de interacção que, para além das actividades religiosas, desenvolviam outras de carácter social e cultural que exigiam a participação de todos, irmanados no espírito de sacrifício, ajuda mútua e promoção de uma visão comum.

No ensino secundário, junta-se a outros jovens, membros do Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM), e que era conhecido por “Núcleo”, uma organização cívica fundada por Eduardo Mondlane em 1949. Esta organização, pretendeu representar os poucos estudantes que conseguiram matricular-se nas Escolas secundárias da colónia ou que obtiveram a sua formação na África do Sul. O objectivo do Núcleo era fomentar a Unidade e Capacidade intelectual, espiritual e física para melhor servir a sua comunidade Assim, o Núcleo promovia a realização de aulas de compensação, mais conhecidas por explicações, a educação cívica e cultural e, de uma forma discreta, a mobilização política.

Apesar do espaço limitado de acção e dos seus membros, o NESAM foi gradualmente inculcando ideais nacionalistas na juventude instruída, contribuindo para valorizar a cultura nacional e oferecendo a ocasião única de estudar Moçambique e de falar por si próprio. Além disso, foram cimentados contactos e laços pessoais que facilitaram o estabelecimento de uma rede de comunicação à escala nacional, que se mostrou de grande utilidade para a formação do futuro movimento clandestino de apoio à luta independentista.

Em 1963, Armando Guebuza é eleito Presidente do Núcleo. A sua escolha correspondeu à expectativa, tornando o Núcleo um centro de atracção e de referência para muitos jovens e adolescentes de então. No mesmo ano de 1963, Armando Guebuza junta-se à rede clandestina da FRELIMO, na então Cidade de Lourenço Marques.

Foi nesta altura que, sob proposta de Ângelo Azarias Chichava, se cogitou na transformação do Núcleo dos Estudantes Secundários de Moçambique (NESAM) em Núcleo dos Estudantes de Moçambique (NEAM). O

objectivo era alargar o âmbito das actividades desta ala juvenil para abarcar um maior numero de jovens moçambicanos nas actividades de educação, culturais e de consciencialização política.

A experiência de Armando Emílio Guebuza na direcção do Núcleo, a sua qualidade de monitor da escola dominical e o seu carisma concorreram para promover e desenvolver o trabalho clandestino no meio estudantil.

Tal como acontecia com a organização mãe (o Centro Associativo dos Negros), o núcleo não esteve isento das tentativas de manipulação das autoridades coloniais. Por exemplo, quando, sob a presidência de Armando Emílio Guebuza, o núcleo pretendeu abrir a sua membrasia a todos os estudantes, incluindo os noturnos e os do ensino primário e, nessa perspectiva organizaram aulas de educação de adultos, as autoridades coloniais convidaram a liderança da agremiação para anunciar a concessão de um subsidio. A oferta foi energicamente recusada, sob a fundamentação de que o NESAM já possuía todos os materiais para viabilizar as aulas noturnas, através das verbas do Centro Associativo dos Negros da Colónia de Moçambique. E que, sendo trabalho voluntário em favor dos irmãos de cor, os instrutores dos cursos não necessitavam nenhum pagamento pela tarefa realizada.

Em Março de 1964, Armando Guebuza e outros colegas como Ângelo Azarias Chichava, Milagre de Jesus Mazuze, Josina Muthemba, Adelina Paindane, Cristina Tembe e Mariana Saraiva Mpfumo, decidem deixar Moçambique para se juntarem à FRELIMO. Para escapar ao controlo da PIDE, a tenebrosa polícia secreta do regime colonial, tiveram que abandonar, em Mapai, cerca das 4 horas da manhã, o comboio em que se faziam transportar para sair de Moçambique.

Fizeram depois os mais de 80 quilómetros de Mapai à vila fronteiriça de Chicualacuala a pé, enfrentando o cansaço, a fome e a sede. Vinte e quatro horas depois de terem deixado o comboio, e encontrando-se do lado rodesiano, continuaram a caminhar ininterruptamente mais de 30 Kms até retomarem o comboio para Salisbúria, hoje Harare. Neste percurso a eles se juntam mais dois moçambicanos seguindo a mesma viagem.

De Salisbúria, o grupo que integrava Armando Guebuza, retoma a viagem para a Zâmbia. No comboio, integrando já outros dois jovens nacionalistas, Simione Chivite e Amos Mahanjane, são presos pela polícia rodesiana, quando se preparavam para abandonar aquele país, e encarcerados em Victoria Falls.

Armando Guebuza e os seus colegas são deportados e entregues à PIDE e, durante aproximadamente cinco meses, são sistematicamente torturados.

Na altura da detenção dos guerrilheiros da Quarta Região, que se preparavam para abrir a Frente Sul, Armando Emílio Guebuza e os seus camaradas já tinham sido libertos das masmorras da PIDE. Apesar de estarem em liberdade vigiada, eles decidem vingar-se da acção da PIDE e reafirmar com actos de coragem que a FRELIMO estava activa.

Na noite de 24 para 25 de Dezembro de 1964, espalham panfletos, na Região Sul de Moçambique, constituída por Inhambane, Gaza e Maputo que, para além de palavras de ordem mobilizadoras da FRELIMO, continham a fotografia do Presidente Eduardo Mondlane. Esta situação forçou a PIDE a divulgar, um comunicado com a lista dos guerrilheiros detidos, dando detalhes sobre a trajectória política de cada um deles.

Não obstante as intimidações e chantagens da PIDE, Guebuza e os seus companheiros retomam o sonho de se juntarem à FRELIMO. Refugiam-se na Suazilândia, onde permanecem por alguns meses. Mais tarde, conseguem atravessar clandestinamente a África do Sul e, no protectorado britânico da Bechuanalândia, hoje Botswana, são novamente detidos e ameaçados com a deportação pelas autoridades britânicas.

Em resultado da intervenção do Dr. Eduardo Mondlane, Presidente da FRELIMO, exigindo a sua incondicional libertação, o grupo é entregue ao Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados e conduzido para a Zâmbia. Dali, mais tarde, o grupo segue para a Tanzânia, conduzido por Mariano Matsinha, então representante da FRELIMO na Zâmbia.

Na Tanzânia, Armando Guebuza é submetido aos treinos militares em Bagamoyo. Faz depois parte do grupo de combatentes que abre o Campo de Preparação Político Militar de Nachingweya.

Em 1966, é transferido de Nachingweya para Dar-es-salam, para exercer as funções de Secretário Particular do Presidente Mondlane, em substituição de Joaquim Chissano que se preparava para seguir para formação na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Cumulativamente, Armando Guebuza lecciona no Instituto Moçambicano.

Mais tarde e ainda nesse mesmo ano de 1966 é nomeado Secretário para a Educação e Cultura. Por inerência destas funções passa a membro do Comité Central da FRELIMO, nesse mesmo ano.

Em 1968, é nomeado Inspector das escolas da FRELIMO e em 1970 Comissário Político Nacional.

No Governo de Transição Guebuza ocupa a pasta da Administração Interna, cargo que acumula com o de Comissário Político Nacional. No primeiro Governo do Moçambique independente é nomeado Ministro do Interior.

Em 1974, Armando Emílio Guebuza, dirige na sua qualidade de Comissário Político, o processo de criação e implantação dos Grupos Dinamizadores, comités populares de base, concebidos para promover a participação democrática das massas no novo processo político em curso. Os Grupos Dinamizadores funcionavam também como instrumento de mobilização popular em torno do movimento de libertação, então vitorioso..

Em 1977, Armando Guebuza é eleito membro do Comité Político Permanente da FRELIMO, sucessivamente denominado por Bureau Político e Comissão Política.

No mesmo ano, o Comité Político Permanente designa Armando Guebuza para dirigir a Comissão de reassentamento das populações vítimas das cheias na Província de Gaza. É em resultado desse esforço, e em colaboração com as autoridades e populações locais, que nascem as aldeias comunais erguidas nas partes altas do Vale do Limpopo, e hoje em franco progresso.

Ainda em 1977, o Comissário Político Nacional Armando Guebuza é nomeado Vice-Ministro da Defesa Nacional e, em 1978, acumula estes cargos com o de Governador da Província de Cabo Delgado.

Em 1981, é designado Governador da Província de Sofala e, em 1983, é novamente nomeado Ministro do Interior.

Em 1984, é nomeado Ministro na Presidência, responsável pela coordenação das áreas da Agricultura, Comércio, Indústria Ligeira e Turismo, assim como a cooperação com a China, Coreia do Norte, Paquistão e Vietname.

Em 1986, assume a pasta dos Transportes e Comunicações e da Presidência do Comité de Ministros dos Transportes e Comunicações da Comunidade para o Desenvolvimento da Africa Austral.

Em 1990, é nomeado chefe da delegação do Governo às conversações de Roma que resultaram na assinatura do Acordo Geral de Paz em 1992.

Em 1992, é designado Chefe da Delegação do Governo na Comissão de Supervisão e Implementação do Acordo Geral de Paz para Moçambique.

Armando Guebuza, Tenente-General na Reserva, esteve também envolvido no processo de Paz do Burundi sob a égide do falecido Presidente da Tanzânia Julius Nyerere e, mais tarde, do antigo Presidente sul-africano, Nelson Mandela. Armando Guebuza foi responsável da Comissão sobre a Natureza do Conflito Burundês, Problemas do Genocídio e Exclusão e suas Soluções.

Em 2000 ele foi escolhido, por consenso, pelas partes em conflito no Burundi para presidir à Comissão sobre as Garantias para a Implementação do Acordo resultante das negociações de Paz.

Guebuza foi Chefe da Bancada da FRELIMO desde o primeiro parlamento multipartidário, saído das Eleições Gerais de 1994, até ao VIII Congresso da FRELIMO.

Em 2002, é eleito Secretário-Geral da FRELIMO e candidato deste Partido às eleições Presidenciais de 2004.

Em Fevereiro de 2005 foi empossado como terceiro Presidente da República, depois da sua vitória nas Eleições de Dezembro 2004. Em Março do mesmo ano foi eleito Presidente da FRELIMO tendo sido reeleito no IX Congresso realizado em Novembro de 2006 e no X Congresso realizado em Setembro de 2012.

Em Janeiro de 2010 foi empossado para o segundo mandato depois da sua vitória nas Eleições de Outubro de 2010, mandato que terminaria em Janeiro de 2015.

Sua Excelência Armando Emílio Guebuza é casado com Maria da Luz Guebuza, e é pai de 4 filhos e tem sete netos.

### **Títulos, Medalhas e Homenagens**

#### ***Títulos2***

- Moópoli, o Salvador - O salvador, aquele que resgata as pessoas de uma situação aflitiva, aquele que muda a condição social de mal para o bem (Distrito de Balama, 2004).
- Malokiha, o endireitador, o que corrige coisas mal feitas. Aquele de quem se esperam só boas coisas, o corrector (Distrito de Chiúre, 2006)
- Maréeriha, o que torna as coisas bonitas. O pacificador, o purificador. O polidor, purificador, o que faz as coisas ficarem bonitas/boas. (Namuno, 2009).
- Mpéwe Nan'teka, o Rei Construtor. Aquele que constrói (Aldeia Samora Machel Chiúre, 7.6.11).
- Professor Doutor, com nota vinte sobre a sua tese com o título: Mwhusiha (Professor): fonte de esperança (Alto Molócuè 10.04.14)
- Maseko Nkwakwa- Rei dos Ngunis – acto orientado pela Rainha Inkossi Ya Makhosi (Angónia 14.06.14)
- Plantador, como corolário do sucesso das iniciativas presidenciais um aluno, uma planta por ano e um líder, uma floresta comunitária nova Barwé (19.06.14)

#### ***Medalhas e prémios***

- Ordem Eduardo Mondlane do 1º Grau, Resolução 6/85, de 17 de Junho;

---

❖ 2Entre os AMAKHUWA existe a tradição de entronamento do indivíduo cuja estatura social é encarada com prestígio e, por isso, na linhagem de transmissão do poder, assume facilmente a sua candidatura. Essa candidatura ou admissão para a entrada no areópago dos influentes é feita por decisão consensual por um colégio de sábios, (Macyée = Wazée(Kiswahili), Mahumu, Mapewe), os quais estabelecem o título ou cognome por que a pessoa eleita passa a ser conhecida. Antigamente essa pessoa era-lhe atribuída um território e um conjunto de súbditos.

- Ordem Amizade e Paz do 1º Grau, Decreto Presidencial 12/2005, de 1 de Fevereiro;
- Ordem de Mérito, Chile, 8.05.08
- Prémio do Instituto Afro-Americano, edição 2008, em reconhecimento pelo desenvolvimento humano;
- Ordem Amílcar Cabral do 1º Grau, 16.11.08
- Prémio africano “Nandi” 2009, em reconhecimento do seu papel na promoção do género;
- Prémio Crans Montana 2009, em reconhecimento do seu trabalho visando minorar o sofrimento dos cerca de 20 milhões de moçambicanos;
- Prémio de ouro, atribuído pela Rede de Investigação de políticas Agrícolas e Recursos Naturais, FANRPAN, em reconhecimento do seu papel na promoção da Revolução Verde em Moçambique e pelo facto do seu governo estar a injectar os 7 milhões para o desenvolvimento acelerado das zonas rurais e pela segurança alimentar e Revolução Verde, Maputo, 1.09.09
- Prémio do Conselho do Superior do Desporto em Africa pela sua liderança na criação de condições para a realização, com sucesso da X Edição dos Jogos Africanos Maputo 2011;
- Prémio do Comité Olímpico Internacional edição 2011, pela forma como tem contribuído e participado na promoção dos ideais olímpicos no País e no mundo.
- Prémio “Excellence Award”, atribuído pela Aliança dos Líderes Africanos Contra a Malária (ALMA), pela sua determinação no combate a esta doença.
- Prémio de Ouro da FAO de 2012, pelo seu papel no desenvolvimento rural.
- Embaixador de Boa Vontade sobre a Saúde Materna e Infantil 2013, conferido pelas Primeiras Damas de África, pelo seu papel na promoção da saúde materna, neonatal e infantil
- Ordem Excelente da Pérola de África em reconhecimento pela República do Uganda em 2013, do seu papel a nível político e diplomático no país e na região da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).
- Cruz de São Marco do Primeiro Grau, por Sua Beatitude Papa e Patriarca de Alexandria e de toda África, Theodoros II, em 2014, em reconhecimento do seu papel na promoção da liberdade religiosa em Moçambique.
- Prémio da Revista The Business Year pelo seu papel nas reformas e melhoria do ambiente de negócios em Moçambique 27.06.14
- Ordem Infante D. Henrique, 3.11.14



- Prémio Mérito Ambiental, atribuído pelo Ministério do Meio Ambiente, por ocasião dos seus 20 anos, pelo lançamento e liderança da Iniciativa Presidencial “um aluno, uma planta por ano” e “um líder, uma floresta nova”, 19.12.14.

### ***Reconhecimentos***

- Presidente do Órgão da SADC para a Cooperação nas áreas de Política, Defesa e Segurança, 2009-2010;
- Presidência da III Cimeira sobre Clima, em 2009, em reconhecimento do seu papel gestão de calamidades.
- Presidente dos PALOP (2010-2012);
- Presidente da CPLP (2012-2014);
- Presidente da SADC (2012-2013);
- Membro do Movimento Internacional de promoção da Nutrição “Scaling Up Nutrition (SUN) Movement”, desde 2012;
- Membro da equipa nomeada em 2013 pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, Educação em primeiro lugar.
- Presidente do Conselho de Paz e Segurança da União Africana, Março de 2014.

### ***Homenagens***

- Serviço de Informações e Segurança do Estado, 23.04.14
- Artistas e homens da cultura, 14.08.14
- Ministério de Energia, 28.08.14
- Confederação das Associações Económicas, CTA, 26.09.14
- Organização Nacional dos Professores, 12.10.14
- Organização Continuadores, 25.10.14
- Ministério da Agricultura, 5.10.14
- Desportistas, 27.10.14
- Titulares dos Órgãos do Sistema de Administração da Justiça, 5.11.14
- Ministério das Obras Públicas e Habitação, 12.11.14
- Instituto Superior de Estudos de Defesa “Tenente-General Armando Emílio Guebuza”, 21.11.14
- Conselho de Ministros, 9.12.14
- Casa Militar, 11.12.14
- Ministério dos Transportes e Comunicações, 13.12.14
- Conselho da Polícia da República de Moçambique, 17.12.14
- Doutor Honoris causa em Economia do Desenvolvimento, Universidade Eduardo Mondlane, 18.12.14